

# Arquitetura religiosa do séc. XVIII em Jaraguá-GO: história e desenvolvimento

Lorena Sulino Assunção – losulino@hotmail.com  
MBA em Gestão de projetos em engenharias e arquitetura – IPOG-GO

## Resumo

*A arquitetura religiosa do séc. XVIII em Jaraguá-GO nos apresenta quatro edifícios desse período histórico, contudo apenas dois deles ainda guardam as características originais, Igreja Nossa Senhora da Conceição e Igreja Nossa Senhora do Rosário. A falta de uma bibliografia mais apurada nos leva a uma investigação mais rudimentar baseada em depoimentos populares, e conceitos que chegam a gerar algumas controvérsias. Através da pesquisa observa-se que, os edifícios ainda existentes e as características atribuídas aos já destruídos, é um conjunto arquitetônico de muito interesse e apesar da sua modéstia são dignos de uma melhor análise.*

*Palavras-chave: Arquitetura; Igrejas; Colonial; Jaraguá.*

## 1. Introdução

Este artigo nasce do desejo de documentar e estudar, com um pouco mais de aprofundamento, os edifícios religiosos da cidade de Jaraguá-GO que ainda preservam traços de uma época arquitetônica passada (séc. XVIII), bem como levantar os vestígios daqueles que já não existem, mas que fizeram parte do cenário local em outros momentos.

A arquitetura religiosa da cidade de Jaraguá fica restrita às igrejas, como já é observado em todo estado de Goiás, ou melhor, em praticamente todo o interior do Brasil, onde as construções coloniais se resguardaram apenas nas igrejas e capelas, tendo como mão de obra os escravos, e como difusora as Irmandades, diferente do que ocorreu no litoral brasileiro.

A arquitetura religiosa do séc. XVIII em Jaraguá segue os mesmos padrões das construções que estavam sendo realizadas em outras regiões do Brasil nesta época. Contudo o refinamento conseguido pelas construções mineiras ou até mesmo goianas de outras localidades não foi alcançado pela arquitetura jaraguense. As igrejas jaraguenses possuem as características típicas da arquitetura colonial brasileira: como a simplificação da planta (nave, capela, coro, depósito,...) os elementos complementares (campanário, cemitérios,...) e as mesmas técnicas construtivas (taipa-de-pilão, adobe, mezaneta,...). São de uma arquitetura simples sem muito rebuscamento. A maior preocupação com elementos decorativos se deu no interior destas igrejas, no teto da igreja de Nossa Senhora do Rosário, nos arcos-cruzeiros e altares, como já é típico desta arquitetura.

Essa arquitetura que traz consigo toda uma carga histórica, marcada por uma religiosidade peculiar – a mistura de três culturas: indígena, africana e portuguesa, por acontecimentos revolucionários – como a Reforma e Contra-Reforma da Igreja Católica, pela expansão marítima e conseqüentemente a descoberta de novas terras, novos povos. Uma arquitetura que marca a paisagem de muitas cidades goianas, mineiras, e na verdade de todo o Brasil.

A construção de capelas e igrejas é uma prática muito comum quando se inicia um povoado e na cultura brasileira as construções religiosas estiveram sempre presentes. A cultura religiosa no Brasil-colônia não era somente representada pelos cultos ou construções de capelas, ela também se manifestava pelas festas, procissões etc. Em muitas cidades, principalmente no interior dos estados de Minas Gerais e Goiás, os principais acontecimentos surgiam ao redor das igrejas. Era indiscutível o papel que as cerimônias religiosas tinham na vida das pessoas, uma vez que freqüentemente todos participavam das festas religiosas.

A permanência do núcleo urbano de Jaraguá pode ser atribuída à grande diversidade e atuação de sacerdotes na localidade, tanto para auxiliar nas primeiras construções como também nas demolições das igrejas e para a contribuição cultural dos seus primeiros habitantes. Fato também explicado pelo grande poder que a igreja católica detinha no final do século XIX na história brasileira.

As festas religiosas eram momentos de grande euforia dessas pequenas cidades do início da colonização. Até hoje, mesmo com a “modernização”, e outros meios de entretenimento as festas religiosas ainda são muito valorizadas em Jaraguá.

As festas constituíam-se em momentos de reafirmação da própria história. E esta mantinha-se profundamente influenciada pela Igreja Católica. Não é por acaso que as celebrações religiosas eram os temas recorrentes das festas da cidade. As festas de tradição do município são: de São Sebastião, que se realiza a 20 de janeiro; do Divino Espírito Santo [sem data fixa] e de Nossa Senhora da Penha, a 8 de setembro. São todas elas bastante animadas, movimentando a cidade. Vem os habitantes da zona rural e, nesta ocasião, fazem-se casamentos, batizados e crismas. Antigamente a Festa do Divino, cheia de tradição, era famosa e concorridíssima. Celebravam a cavahada, dança ritual de cavaleiros. Estes possuíam vestes próprias e a Festa transcorria na maior animação possível. Hoje, já um tanto modificada, e mesmo modernizada pelo correr dos tempos, não possui o brilho que lhe davam aquelas cerimônias. Este texto do IBGE foi divulgado em 1958 e mostra que nessa época as festas já faziam parte de um passado, apesar da maioria delas ainda serem celebradas (DUARTE, 1999, p. 247)

Jaraguá ainda possui uma vida religiosa muito presente, a fé popular ainda é mantida pelos mesmos vínculos intrínsecos, que fizeram nossos avós e bisavós construir as primeiras capelas, ou como os que ainda hoje levam uma cidade inteira para uma festa religiosa ou a uma procissão.

Assim como as construções de Vila Boa (atual Cidade de Goiás), as primeiras igrejas de Jaraguá também foram erguidas para atender às necessidades do pequeno número de moradores do Arraial. No entanto, foram, sem dúvida, muito mais simples e menos ornamentadas que as de Vila Boa. Apresentam características comuns com as construções religiosas que estavam sendo construídas e as que foram levantadas em Goiás neste período. A simplicidade nas fachadas, a planta retangular as mesmas técnicas construtivas (observa-se em algumas construções jaraguenses a manifestação de mais de uma técnica construtiva, como as igrejas de N. Senhora do Rosário e a de N. Senhora da Conceição, que possuem tanto o adobe, como a pedra em suas paredes) fazem com que as igrejas de Jaraguá não fujam às regras que estavam dominando a arquitetura colonial.

Outras características presentes nas igrejas jaraguenses comuns às demais igrejas goianas e mineiras são: a presença de cemitérios e túmulos internos, o sino como um elemento externo ao corpo da Igreja em campanários e a apresentação do coro situado na entrada.

Ao falar sobre as capelas da primeira fase do desenvolvimento da arquitetura religiosa mineira, diz que o coro, situado logo à entrada, sobre a porta principal e apoiado por esteios de madeira, possui seu acesso garantido por uma escada de pequenas proporções, no mais das vezes situada do lado direito de quem entra no templo (COELHO, 1999, p. 620)

Analisaremos as quatro igrejas representantes desse período da arquitetura na cidade: Igreja Nossa Senhora da Conceição, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Igreja Nossa Senhora da Penha e a Capela de São José. Contudo, somente as duas primeiras igrejas citadas ainda guardam suas características iniciais, e estão preservadas. A de Nossa Senhora da Penha foi totalmente descaracterizada, e a Capela de São José já não existe mais. Serão observados seus

métodos construtivos, materiais e técnicas, bem como a inserção das Igrejas na paisagem da cidade, e a carga histórica que trazem consigo.

## 2. Capela de São José

A Capela de São José localizava-se no sítio de São Januário o qual foi a princípio um acampamento de mineradores devido à proximidade de minas auríferas, outros afirmam que foi uma fazenda de engenho que apresentaria tanto atividades de engenho, plantação e manufatura da cana-de-açúcar, como a extração do ouro. Contudo nas duas situações, a presença da capela foi um fato.

É com base em uma dissertação em arqueologia que apresentamos os dados adiante, pois hoje neste espaço não encontramos nem mesmo ruínas do que foram a capela e seus complementos, e somente através de trabalhos arqueológicos é que temos vestígios desse acampamento ou fazenda de engenho. Salienta-se que as sedes de engenho eram denominadas de povoado, pela grande agregação de escravos e mesmo trabalhadores livres.

A presença dessa capela também é citada por moradores da cidade, pelo proprietário da fazenda e também por pesquisadores do IGPA/UCG (Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/ Universidade Católica de Goiás). Na década de 40 ainda apresentava suas paredes de pedra conservadas, quando foram desmontadas para a construção de uma pequena usina hidrelétrica que nunca foi ativada ou terminada.

O sistema construtivo encontrado por essa pesquisa arqueológica, fundação de pedra e provavelmente paredes de taipa-de-pilão, mostra-nos que a Capela de São José foi feita com as mesmas técnicas construtivas utilizadas no período colonial. Apresentando dimensões de 20m x 10m, o que nos leva a crer que pela época de construção, meados de 1727, não era um edifício muito pequeno.

Juntamente com os vestígios da capela foram encontrados outros, provavelmente de casas, o que acabou por identificar mais uma característica muito comum na sociedade colonial: a localização do elemento religioso em posição estratégica, em local de destaque na topografia. Por testemunhos populares alguns artistas recriaram o que teria sido a primeira construção religiosa de Jaraguá: a Capela de São José (figuras 1 e 2).



Figura 1 - perspectiva da Capela de São José inspirada na tela de Maria H. Romacheli. Desenho: Eliézer B. Ribeiro. Fonte: depoimentos populares.

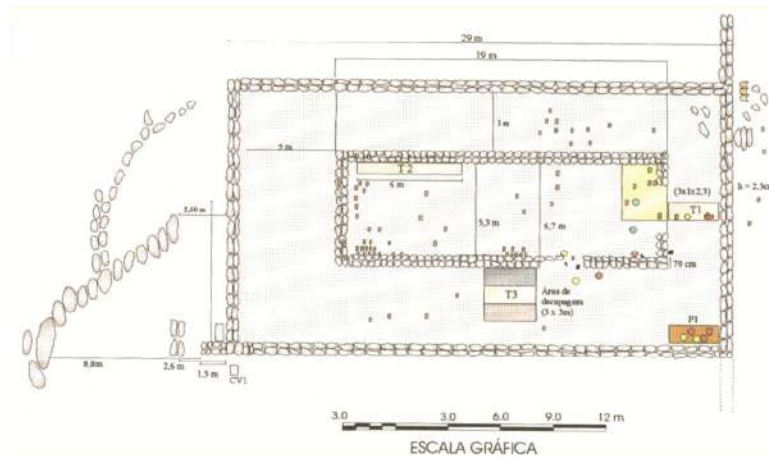


Figura 2 - provável planta da Capela de São José. Fonte: SOUZA.

### 3. Igreja Nossa Senhora da Penha

Com a mudança do arraial para uma parte mais alta e seca do terreno, um sítio mais afastado do córrego, o qual oferecia melhores condições para a vida e a permanência humana, fez-se necessário a construção de uma nova igreja. Assim em 1748 ergue-se a Igreja Nossa Senhora da Penha, a igreja matriz de Jaraguá até os dias atuais.

A Igreja Nossa Senhora da Penha guarda em suas lembranças vários momentos de êxito e outros de lamentação como sua demolição.

Originalmente foi erguida com as mesmas características das construções coloniais que se fazia em Goiás, como também no restante do Brasil. Por declarações populares temos a imagem do que ela provavelmente teria sido. Apresentava duas galerias laterais acopladas ao corpo da igreja e em uma delas o sino. Observa-se a triangulação da porta central com as duas janelas do coro e dimensões bem avantajadas. Todas essas características são comuns a este tipo de arquitetura (figura 3).



Figura 3 - primeira construção da Igreja N. S. da Penha, tela de Maria H. Romacheli. Fonte: depoimentos populares.

Posteriormente essa igreja foi destruída para permitir a construção de uma outra no mesmo lugar aproveitando suas bases, no entanto apresentando somente uma torre. Esta deveria ser maior para abrigar o número crescente de fiéis (Figura 4).



Figura 4 - Matriz reconstruída, segunda fase. Fonte: arquivo pessoal Milton Ricardo.

Essa igreja passou ainda por uma terceira modificação a qual não foi possível encontrar arquivos fotográficos. Após uma quarta reforma temos a igreja atual, de uma arquitetura questionável, esta construção atual agride a paisagem e não nos mostra nada do que tenha sido nem nos traz alguma lembrança do passado (Figura 5).



Figura 5 - última construção da Igreja N. S. da Penha. Fonte: arquivo pessoal Lorena S. Assunção.

Mesmo a Igreja Nossa Senhora da Penha sendo a igreja de maior importância na vida da comunidade, é muito difícil conseguir informações do seu passado e o pouco que conseguimos é insuficiente para uma análise mais aprofundada.

#### **4. Igreja Nossa Senhora do Rosário**

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (irmandade dos negros) foi a responsável pela construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário, também tratada por alguns autores como Igreja do Rosário dos Pretos ou Igreja de Nossa Senhora dos Pretos, foi a terceira construção religiosa da cidade, estava pronta no início de 1776 e provavelmente em junho deste mesmo ano foi ela benta e aberta ao culto público. Várias histórias e lendas populares de Jaraguá tratam desta igreja. Ela, talvez até pela sua posição de inserção na paisagem, sempre fez parte de um

universo mais íntimo da cultura jaraguense. Traz consigo toda uma carga histórica e cultural dos escravos que a construíram e de folclores regionais.

De construção simples e pequenas dimensões, a Igreja Nossa Senhora do Rosário localiza-se na Praça do Rosário, quadra 44, no cruzamento das ruas das Flores e do Rosário inserida em um largo que leva seu nome. O traçado dessas vias permanece inalterado enquanto desenho urbano original.

Na parte da cidade onde encontramos a Igreja N. S. do Rosário, é onde se localiza todo o sítio histórico preservado de Jaraguá. É um elemento importante na paisagem tendo-se um grande interesse em preservá-la. É um edifício tombado, com muito a ser conservado e restaurado.

O aspecto monumental da igreja é dado especialmente pela sua localização espacial. A perspectiva que as ruas formam e sua localização no ponto mais alto do terreno devido à encosta da serra, sem nenhum elemento que atrapalhe sua visualização, a torna um ícone na paisagem. Característica muito comum nas construções coloniais.

A praça do Rosário sempre foi uma praça muito utilizada pela população. Sabe-se que muitas festas e missas ocorriam nela. Hoje ainda temos alguns eventos que lá acontecem. Até 1978 possuía um chafariz, era bem ajardinada com bancos e canteiros, atualmente está bastante calçada com plataformas em níveis diferentes.

A igreja em questão segue as mesmas características das construções da primeira etapa da arquitetura religiosa da mineração, com características da arquitetura religiosa portuguesa. Possui uma porta central (não é a porta original) e duas janelas de iluminação do coro na fachada principal. O frontão como fechamento das duas águas da nave, a ausência de grandes aberturas para a ventilação e iluminação (Figura 6).



Figura 6 – fachada frontal. Fonte: arquivo pessoal Lorena S. Assunção.

Sua sacristia é um anexo ao corpo central da Igreja, possui apenas meia água e um contraforte lateral, característico da arquitetura muçulmana, que funciona como um elemento de estruturação do edifício, mesmo tendo em suas paredes a taipa-de-pilão, método construtivo auto portante, parece ter sido necessário a criação deste outro elemento de sustentação.

Na sacristia temos três janelas e uma porta que faz a ligação com um depósito atrás do altar. Este tinha função de possibilitar a subida para o altar, tanto para limpeza como para manutenção e armazenagem de utensílios da igreja. E como era praxe alguns túmulos no seu interior.

Na Igreja do Rosário, antigamente, eles enterravam gente em redor da Igreja. Então, quando tinha enterro lá, o coveiro escutava sempre um chamado vindo de uma das

sepulturas (...) Foi indo, o coveiro ficou impaciente com aquilo, enfiou a enxada naquela sepultura e tirou o cadáver. Era o cadáver da Tereza Bicuda. Então, ele tirou o corpo dela e jogou lá pra trás do morro. Depois disso, esse lugar que ele jogou a Tereza Bicuda, ficou assombrado (...) (VALADARES, 1983, p. 47-48)

Toda a construção é caiada de branco e possui cor apenas no madeiramento das janelas e portas, também outra característica portuguesa herdada da arquitetura muçulmana. O sino é um elemento separado do corpo da igreja, localiza-se em um campanário o qual está no mesmo alinhamento da fachada principal.

Situa-se na periferia da cidade; é de estilo colonial. Seu interior é peculiar; o arco do cruzeiro revestido de madeira, com capitéis e base de molduras salientes e talha em toda a sua altura; a capela-mor tem forro e uma pequena pintura votiva no centro; a nave é de telha vã. Possui altar-mor e um altar lateral à direita, junto do arco cruzeiro. A assimetria é equilibrada, à esquerda, por uma escada com balaustrada, que leva ao púlpito. O altar-mor tem quatro colunas lisas de estilo clássico; no arco central, duas volutas enfeitadas com talha ladeiam um escudo encimado por pequeno baldaquim com lambrequim. A parte inferior forma conjunto de talha englobando as mênulas de sustentação das colunas, o sacrário e a mesa. O altar lateral é de estilo semelhante, porém com mais trabalho de talha, que agora enfeita as quatro colunas retas em toda sua altura. É encimado por dossel com lambrequim em toda sua largura. Destaca-se a qualidade da talha desses retábulos, sobretudo o conjunto inferior do altar lateral. Aí se admira um trabalho muito cuidado: a mesa desse retábulo, de forma bojuda, é toda trabalhada, sendo rodeada por moldura de talha que torna o conjunto precioso. Ao contrário da maioria dos altares em que o trabalho artístico se acentua no frontão, neste foi a metade inferior que mereceu o melhor do seu criador. A talha foi dourada sobre fundo azul claro (ETZEL, 1974, p. 196-197)

A Igreja Nossa Senhora do Rosário é um edifício com tombamentos Federal e Estadual - Federal (19/07/1955): proc.602-T; insc.452; Livro das Belas Artes, Fls. 80. Estadual (13/10/1980): lei 8.915.

Os aspectos construtivos são:

– Paredes:

As paredes da igreja são feitas de taipa-de-pilão, logo são estruturais, ou seja, além de servirem como vedação também transportam o peso das estruturas para a fundação. Que por sua vez é toda de pedras.

– Pisos:

Possui dois tipos de pisos. Na nave e na capela temos tábuas corridas, na sacristia e no depósito mezanela.

– Cobertura:

Temos duas coberturas de duas águas, uma sobre a nave e outra sobre a capela. E uma de meia-água sobre a sacristia. São de telha canal ou capa e bica e estruturas de madeira apoiadas sobre as paredes. O madeiramento do telhado na nave é um dos sistemas mais simples dos que foram utilizados nas igrejas coloniais no Brasil: o “sistema de caibros armados”; onde ao longo das paredes “são colocados dois frechais, ligados em malhete, por tarugos (...); caibros robustos, ensamblados no vértice superior, dois a dois, à meia madeira, ‘mordem’ em boca de lobo no frechal interno, ou com mais frequência respingam contra os tarugos (...)” (SANTOS, 1951, p. 94). Já o sistema empregado no depósito lateral, como possui apenas uma água, é composto por caibros apoiados nas paredes que sustentam as ripas e estas as telhas.

– Forro:

A capela é separada da nave pelo arco do cruzeiro. Do arco até o altar principal existe um forro de madeira acompanhando o formato do arco. Neste espaço é que encontramos um dos detalhes de ornamentação desta igreja: uma pintura sem volumetria e sem nenhuma noção de

perspectiva, certamente elaborada pelos escravos, que apesar de não possuir um apuro artístico, não deixaram de fazer obras de arte. Infelizmente seu estado de conservação é bastante precário (Figura 7).



Figura 7 - forro. Fonte: arquivo pessoal Lorena S. Assunção.

– Portas e janelas:

São de madeira e pintadas de verde. Ao todo são treze aberturas: portas- 2 frontais, 3 laterais e 1 no fundo; janelas- 2 frontais, 4 laterais e 1 no fundo. As janelas são interiças de abrir e de apenas uma folha (cega). Algumas são travadas com uma peça de madeira que se encaixa em dois apoios de ferro laterais, e outras possuem apenas uma pequena peça de madeira, conhecida no interior do Estado como “tramela”, que ao girar impede a abertura da folha de madeira, travando a janela. As portas, com exceção da porta principal seguem este mesmo padrão. Somente no travamento é que algumas portas são diferentes; algumas fecham com a peça de madeira encaixada nos apoios laterais, mas a porta de acesso ao depósito possui fechadura.

A porta principal é a única esquadria da igreja que possui algum detalhamento. Na sua face externa possui frisos de madeira em relevo pintados de uma cor diferente (cinza) do restante da porta. Estes frisos poderiam ser uma tentativa de fazer uma porta mais elaborada com almofadas e molduras mas certamente não foi concluída. Possui duas folhas, que se abrem uma faceando a outra, e seu travamento é com uma peça de madeira que, como nas janelas, encaixa-se em dois apoios laterais. Um detalhe curioso é que, sendo assim o travamento ela só pode ser aberta pelo lado de dentro, ou seja, para entrar na Igreja temos que acessar pela porta frontal do depósito lateral (que possui fechadura) e assim abrir as demais portas, inclusive a principal.

– Coro e púlpito:

São construídos de madeira e possuem elementos torneados. O púlpito localiza-se no lado esquerdo da nave e o coro acima da porta principal.

– Acessos:

Possui um acesso principal e dois laterais. O acesso do lado esquerdo é o do depósito, e o do lado direito permite a entrada diretamente na nave. Da nave para o depósito temos outra porta que permite esta ligação.

– Arco do cruzeiro e mesa de comunhão:

Na igreja existem elementos que seguem toda a simbologia católica. Geralmente para se

entrar nas igrejas existem três degraus que representam a Santíssima Trindade, na igreja em estudo provavelmente tínhamos estes três degraus na entrada, e os temos na passagem da nave para a capela. Esta passagem é marcada pelo arco do cruzeiro e pela mesa de comunhão que é de madeira. Depois desta mesa ainda temos bancos, o que se acredita servir como distinção social.

O arco do cruzeiro é feito em madeira, todo esculpido seguindo linhas Barrocas e do Rococó. Seguindo este estilo também temos os altares laterais. Segundo depoimentos populares possuía na sua originalidade três altares e um deles totalmente dourado. No altar principal temos um trono onde é colocada a imagem da padroeira Nossa Senhora do Rosário.

Vale observar o altar que se encontra no lado direito da nave (altar de São Benedito) que era uma outra irmandade, certamente mais pobre sem condições para construir sua própria igreja. Assim acabava mantendo só um altar na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Uma curiosidade é que escondido pela parte da frente do mesmo está uma passagem que servia para os escravos fugirem, pois pelo que se sabe ela vai até a serra (Figura 8).



Figura 8 - altares principal e lateral. Fonte: arquivo pessoal Lorena S. Assunção.

– Campanário:

Seu campanário localiza-se à esquerda do edifício faceando a fachada frontal da igreja. Possui uma altura intermediária entre a cobertura da nave e do depósito. É bastante modesto sendo composto apenas de esteios de madeira para segurar o sino e uma simples cobertura de telhas para protegê-lo (Figura 9).

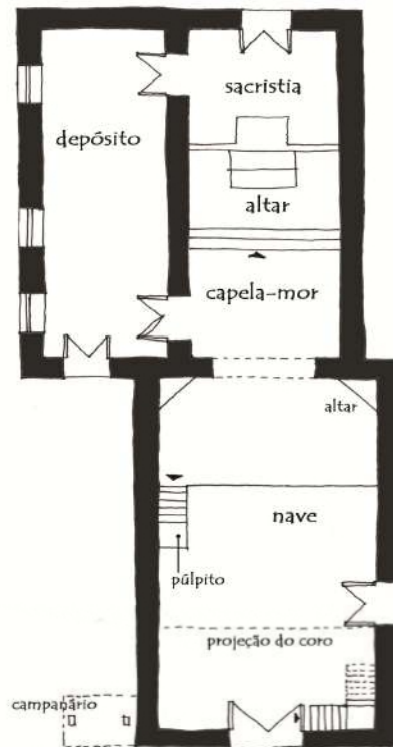


Figura 9 – planta baixa. Desenho: Eliézer B. Ribeiro. Fonte: levantamento *in loco* realizado por Lorena S. Assunção.

### 5. Igreja Nossa Senhora da Conceição

Em 1828 ergueu-se a Igreja Nossa Senhora da Conceição por iniciativa particular do tenente/coronel Antônio de Souza Félix. Escolhida sua localização, junto ao largo da matriz, terreno situado em frente à residência desta família um dos sobrados mais imponentes da cidade na época, teve início a construção da mesma.

Edifício de planta retangular originalmente, com apenas uma galeria lateral sem a simetria tão apreciada e questionada, era exatamente como se encontra hoje. Apenas em um período, quando a Igreja N. S. da Penha foi derrubada, é que se fez necessário a construção da outra galeria para guardar os objetos pertencentes àquela igreja. Na primeira galeria (a mesma que encontramos hoje) inicialmente tínhamos um depósito e a sacristia, hoje temos o Museu de Jaraguá (Figuras 10 e 11).



Figura 10 - galeria lateral. Fonte: arquivo pessoal Maria H. Romacheli.



Figura 11 - fachada frontal. Fonte: arquivo pessoal Lorena S. Assunção.

A área da galeria que foi construída em virtude da demolição da Igreja Nossa Senhora da Penha foi vendida e hoje no local encontramos comércio. De uma simplicidade que encanta, apresenta os elementos comuns à época em que foi levantada: arco do cruzeiro; a planta constituída da nave, capela-mor, altar-mor, depósito, sacristia e coro; na fachada a porta central e as duas portas-sacadas (janelas) fazendo o triângulo com vértice para baixo, comum às igrejas desse primeiro período, principalmente em Minas e Goiás; o fechamento do telhado com o frontão, e no mesmo o óculo; o campanário fora do corpo da igreja e um cemitério em sua lateral. A maior preocupação em ornamentação se deu no altar principal e no arco-cruzeiro.

Hoje apresenta duas funções: a de realizar missas e a de museu. Restaurada no fim do século passado (o término dos trabalhos de restauro se deu no ano de 2000), apresenta no que antes era o depósito, e na sacristia (lateral) o Museu de Jaraguá. Por advento do museu foi construído ao fundo dos túmulos um banheiro público, que segue os mesmos padrões construtivos da igreja. O ato de enterrar pessoas nas Igrejas era muito comum no séc. XVIII, e a Igreja N. Senhora da Conceição apresenta túmulos tanto no seu interior - próximos ao altar 5 sepulturas - como no seu exterior - 2 túmulos, mas admite-se que existem mais corpos enterrados. Esta igreja é um edifício que possui um tombado Estadual (dec. nº 4.943 de 31/08/1998).

A praça em que se localiza foi bastante modificada. O casario que circunda a igreja não é mais o original e ela acaba contrastando com a paisagem em que está inserida. Não possui uma localização imponente, ou que dê destaque ao edifício, como acontece com as demais construções religiosas. Talvez por ter sido levantada por uma família que escolheu o terreno bem à frente da sua casa, sem se preocupar com estes detalhes de implantação.

As técnicas construtivas são as mesmas que a época oferecia: paredes de pedra e barro piso em tábuas e mezanelas, forro de madeira assim como a estrutura do telhado, cobertura com telhas de barro tipo 'capa e bica', esquadrias de madeira – os únicos elementos onde a cor é utilizada.

Os aspectos construtivos são:

– Paredes:

As paredes da Igreja Nossa Senhora da Conceição são feitas de taipa-de-pilão e pedra, apresentando dimensões amplas e variadas, de espessuras que vão de 1m a 1,10m, sua fundação é estruturada em pedras até o nível da calçada. As paredes do anexo, que hoje é o museu são de adobe.

– Pisos:

Os pisos da nave, do salão lateral, e sacristia são de mezaneta. E na capela-mor e coro o piso é tábuas corridas.

– Cobertura:

A cobertura é de 3 inclinações: 2 águas sobre a nave e capela-mor e ½ água sobre os “salões” e sacristias, estando a cobertura com a estrutura aparente. As telhas são as mesmas utilizadas na época: capa e bica, feitas manualmente de barro. O madeiramento do telhado na nave é o mesmo utilizado na Igreja Nossa Senhora do Rosário: sistema de caibros armados, e da galeria lateral (museu) também é o mesmo que foi utilizado no depósito lateral da Igreja N. S. do Rosário.

– Forro:

Somente no altar-mor é que a estrutura do telhado é revestida de forma abobadada com placas de madeira, também chamado de forro paulista.

– Portas e janelas:

São de madeira hoje pintadas de azul. Ao total são quinze aberturas: portas - 2 frontais e 6 laterais (sendo que a porta da lateral direita está interditada, pois não temos mais a galeria lateral que tinha acesso pela mesma; e a porta que antes saía da sacristia para o lado externo, hoje com o museu, não existe mais é uma janela); janelas - 2 frontais e 5 laterais, e dois pequenos vãos laterais de iluminação do altar.

As janelas são de abrir e só de uma folha cega, seu travamento segue os mesmos da Igreja Nossa Senhora do Rosário, ou são com tralhas ou com uma peça de madeira que se encaixa nos dois apoios laterais de ferro. Salienta-se que nas janelas da galeria lateral hoje devido à instalação do museu apresentam grades de ferro, pintadas de azul, para proteção das imagens e demais peças do museu. Todas as portas, com exceção da principal, são de uma folha e possuem fechaduras. Estas fechaduras também foram instaladas devido ao museu. A porta lateral que permitia o acesso a outra galeria lateral, que não existe mais, ainda possui seu fechamento com a trave de madeira.

A porta principal não possui nenhum detalhamento, é de uma folha, e seu travamento hoje é com um trinco externo e cadeado.

– Coro:

O coro é de madeira com balaústres, compostos por elementos curvos recortados em madeira. Existem nesse ambiente duas janelas e um óculo entre elas. Possui uma escada helicoidal de madeira do lado direito na entrada da igreja que dá acesso até o mesmo.

Esta escada helicoidal (Figura 12) é a única que foi construída neste período (séc.XVIII) no Estado, nas construções religiosas. Possui todos os degraus de madeira fixos a uma coluna central cilíndrica também de madeira. Todo seu fechamento lateral é composto de tiras de madeira que presas umas as outras vão fechando a escada.



Figura 12 - escada helicoidal. Fonte: arquivo pessoal Christiane Paiva.

– Acessos:

Possui três acessos principais: a porta principal para a nave, outro para o depósito-museu e outro para o campanário; e dois laterais, o do lado esquerdo é o que faz a ligação do museu com a área externa, e o do lado direito hoje não é mais utilizado (antes era a ligação da nave com a galeria lateral direita); outro acesso que foi modificado era um que se encontrava na sacristia permitindo a passagem para o lado externo, hoje com a instalação do museu no interior da igreja, esta porta foi transformada em janela. Da nave para o depósito-museu temos outra porta que permite esta ligação.

– Arco do cruzeiro:

Na passagem da nave para a capela temos o arco do cruzeiro de madeira muito bem trabalhado, e o altar principal segue as mesmas linhas deste elemento.

– Campanário:

A torre do sino se localiza à esquerda do edifício possuindo uma altura intermediária entre o telhado de meia água ao telhado de duas águas, que acaba por acentuar a assimetria do edifício. É um campanário bastante simples, todo de madeira.

No salão onde hoje é o museu, temos um elemento curioso: na parede ao fundo se encontra um óculo, fato não muito habitual em edifícios deste período, pois o óculo é um tipo de abertura comumente redonda e localizada na fachada principal do edifício acima da porta principal (Figura 13).

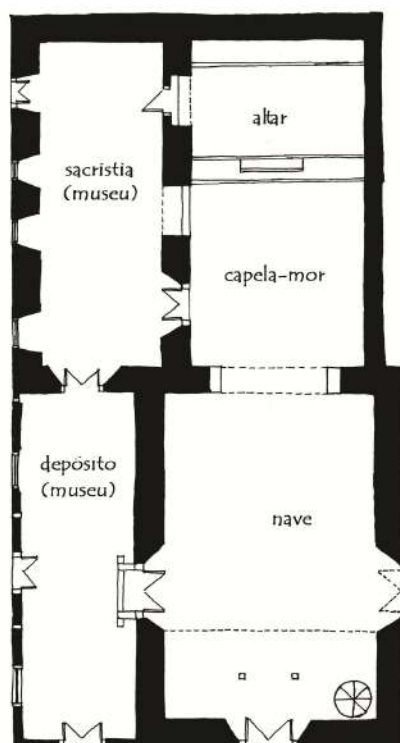


Figura 13 – planta baixa. Desenho: Eliézer B. Ribeiro. Fonte: levantamento *in loco* realizado por Lorena S. Assunção.

## 6. Conclusão

O interesse em documentar e preservar esses edifícios apresentados, não é só preservar para parar no tempo, mas na verdade é não deixar o tempo sumir. A preservação do patrimônio cultural edificado é o alicerce para a memória da cultura que o desenvolveu e sua futura evolução. A abordagem de preservar é bem mais ampla do que só delimitar os “edifícios” de interesse, passa por um processo de maior consciência cultural de saber que sem o passado não teremos o futuro.

O simples fato de um edifício ou um conjunto arquitetônico possuir peculiaridades que marcam um período da nossa história, já é uma ocorrência suficiente para sua preservação. A apresentação de técnicas construtivas singulares ou alguma ornamentação mais distinta também os tornam objetos de estudo e preservação.

Um dos principais fatos que justificariam a preservação de um bem cultural, seria sua ligação com a história, ou com personalidades, tanto de relevância nacional, estadual ou municipal. E isso os edifícios religiosos jaraguenses possuem. São marcos da história local, guardam em suas paredes, lendas, informações e a própria história de Jaraguá.

Os edifícios apresentados são ícones, impressos na paisagem da cidade e assim merecem um maior respeito. Mesmo os que já não existem, guardam através da memória popular afetos com o que foram e com a cidade hoje.

Hoje vivemos em sociedades sem identificação com sua história e com sua geografia. A maior parte dos habitantes de uma cidade não nasceu ali nem conhece sua história. Deve-se, por isso, proteger tanto o lugar do habitante como o habitante do lugar. O lugar deve ser protegido pois quem não o conhece não se identifica com ele e o destrói. Mas é necessário também proteger esse habitante da dominação do lugar. Com isso, teremos conseguido dar às pessoas um lugar onde possam viver (FUKSAS, 2000, p.08)

O interesse em tratar do assunto de arquitetura religiosa vem nos lembrar que os templos e as manifestações místicas sempre estiveram e são parte de um universo cada vez mais íntimo e precioso da cultura popular.

Em um futuro próximo, podemos imaginar que muitas atividades urbanas clássicas sejam revolucionadas: a circulação, pelo desenvolvimento de novas formas de transporte; o trabalho, pela possibilidade de efetuar a domicílio, por meios eletrônicos, as tarefas mais variadas; o lazer, pelo aperfeiçoamento da televisão interativa. Podemos prever o desaparecimento de muitos edifícios típicos da cidade, como os bancos, pelo uso de serviços à distância, e as bibliotecas e salas de concerto, pelo uso de equipamentos multimídia (FUKSAS, 2000, p.08)

Mas acima de tudo este trabalho visa lembrar que estamos cercados por documentos do passado, e que não só os núcleos já definidos como “históricos” podem nos ensinar ou aumentar nossos conhecimentos e serem objetos de nosso enfoque. A história, a memória, o patrimônio estão cada vez mais presentes até onde nós mesmos não imaginamos. Não está só nos museus, está em cada conto, em cada livro, em cada casa, em cada festa popular, no folclore, nas ruas, no povo e nas Igrejas.

### **Referências**

COELHO, Gustavo Neiva. *Construções Religiosas do Período Colonial Existentes na Região de Vila Boa: 1727/1793*. Goiânia: UCG, 1999.

DUARTE, Lyz Elizabeth A. Melo. *O Poder e a Estrutura Agrária nos Municípios de Ceres e Jaraguá-Go: Uma Análise Comparativa*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 1999.

ETZEL, Eduardo. *O Barroco no Brasil: psicologia e remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

FUKSAS, Massimiliano. *Revista Projeto n°246*. Agosto 2000.

INDUR - Instituto de Desenvolvimento Urbano e Regional. *Jaraguá Projeto Piloto Vol. 01*. Maio, 1987.

MELO, Suzy de. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

ROMACHELI, Maria Helena de Amorim. *Jaraguá ontem, hoje e sempre: patrimônio Cultural*. Folder de Divulgação: Prefeitura Municipal, 2000.

SANTOS, Paulo F. *Arquitetura Religiosa em Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951.

SOUZA, Margareth Lourdes de. *Histórica Aplicada ao Reconhecimento de uma Fazenda Colonial séc. XVIII*. Dissertação de Mestrado-Arqueologia. São Paulo: USP, 1997.

VALADARES, Ione Maria de Oliveira & LIMA, Nei Clara. *Histórias Populares de Jaraguá: Tereza Bicuda*. Goiânia, Centro de Estudos de Cultura Popular, ICHL/UFG, 1983.